

**RELAÇÕES DE AFETO NAS PERSONAGENS BABY, CÉSAR E INÁCIO EM
GOSTARIA QUE VOCÊ ESTIVESSE AQUI, DE FERNANDO SCHELLER.**

**AFFECTION RELATIONSHIPS IN THE CHARACTERS BABY, CÉSAR, AND
INÁCIO IN *I WISH YOU WERE HERE*, BY FERNANDO SCHELLER.**

Maria Júlia Fernandes Moura¹
Liebert de Abreu Muniz²
Orlando Luiz de Araújo³

RESUMO

Esse trabalho investiga como o medo da rejeição e do abandono influenciam na construção da identidade das personagens Baby, César e Inácio na obra *Gostaria que você estivesse aqui* (2021), de Fernando Scheller, analisando suas implicações sociais e psicológicas e seu impacto nas relações interpessoais. A metodologia combina a análise literária e abordagens teóricas como o conceito de antropologia das emoções (Rezende; Coelho, 2010), o capitalismo das emoções (Illouz, 2007), o processo civilizador (Elias, 1994), além de discussões sobre literatura e sociedade a partir de Candido (2014). O estudo parte da hipótese de que as personagens da obra de Scheller expressam seus dilemas afetivos na contemporaneidade, marcados pelo conflito entre desejo de proximidade e medo do envolvimento, a personagem Baby expressa uma necessidade de autonomia, enquanto César adota o distanciamento como defesa, e Inácio ao se colocar no papel de espectador, cuja validação externa se torna crucial para sua identidade. Assim, as análises evidenciam como o medo da rejeição e do abandono não apenas condiciona os laços entre os personagens, mas também reflete padrões culturais que

¹ Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido no Departamento de Linguagem e Ciências Humanas do centro multidisciplinar de Caraúbas.

² Doutor em linguagens pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de pesquisa estudos comparados de literatura de línguas clássicas (2012). Possui graduação em letras português – literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor adjunto de curso de letras português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas.

³ Graduado em letras (1993) e especialização em filosofia (1996), pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestrado (2001) e doutorado (2008) em letras clássicas pela universidade de São Paulo estágio pós doutoral em letras clássicas (2016) na universidade de Lisboa. Professor associado de letras clássicas e história do teatro da Universidade Federal do Ceará (UFC).

naturalizam a insegurança emocional como parte da experiência social moderna, dentro do contexto familiar e das relações de amizade. Desse modo, portanto, se considera que os resultados apontam que o livro *Gostaria que você estivesse aqui* constrói uma narrativa muito demarcada sobre os afetos, expondo de forma clara a fragilidade das relações humanas e evidenciando que o medo da rejeição e do abandono são forças determinantes na configuração das subjetividades contemporâneas.

Palavras-chave: afeto; rejeição; abandono; Fernando Scheller; antropologia.

ABSTRACT

This study investigates how the fear of rejection and abandonment influences the identity construction of the characters Baby, César, and Inácio in *I Wish You Were Here* (2021) by Fernando Scheller, analyzing its social and psychological implications and its impact on interpersonal relationships. The methodology combines literary analysis with theoretical approaches such as the anthropology of emotions (Rezende; Coelho, 2010), the capitalism of emotions (Illouz, 2007), the civilizing process (Elias, 1994), and discussions on literature and society based on Candido (2014). The study starts from the hypothesis that Scheller's characters express contemporary affective dilemmas, marked by the conflict between the desire for closeness and the fear of emotional involvement: Baby expresses a need for autonomy, César adopts detachment as a defense mechanism, and Inácio positions himself as a spectator, whose external validation becomes crucial for his identity. The analysis reveals that the fear of rejection and abandonment not only conditions the bonds between the characters but also reflects cultural patterns that normalize emotional insecurity as part of modern social experience, particularly within family dynamics and friendships. Thus, the findings suggest that *I Wish You Were Here* constructs a highly delineated narrative about affections, exposing the fragility of human relationships and demonstrating that the fear of rejection and abandonment are determining forces in shaping contemporary subjectivities.

Keywords: affection; rejection; abandonment; Fernando Scheller; anthropology.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo central explorar as relações de afeto presentes na obra *Gostaria que Você Estivesse Aqui* (2021), de Fernando Scheller⁴, com foco nas personagens Baby, César e Inácio. O estudo irá se propor a analisar como os vínculos afetivos, marcados pelo medo da rejeição e pelo abandono emocional, influenciam a construção da identidade desses personagens, suas escolhas e também comportamentos ao longo de toda a narrativa. Em síntese, a obra se passa durante a década de 1980 no Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, um período de transição democrática (redemocratização), ascensão cultural e até uma crise no cenário da saúde nacional, como é o caso da epidemia do vírus do HIV. E será nesse cenário que a narrativa se constrói, se apoiando em múltiplas perspectivas, acompanhando personagens de diferentes classes sociais e trajetórias de vida que se cruzam em meio às contradições de uma sociedade que se transforma, mas ainda resiste à mudanças definitivas. A cidade carioca serve como palco para as inquietações da juventude (movimentos grevista e cultural), que transitam entre expectativas familiares, descobertas pessoais e os limites impostos por normas sociais rígidas.

O protagonismo da narrativa transita entre Inácio, Baby, César, Selma e Rosalvo, permitindo que o romance explore diferentes experiências e dilemas da época, desde os desafios do papel de gênero, vivenciados pela personagem Baby, com sua grande busca por autonomia e fuga das regras de sua mãe. Também discussões sobre a aceitação enquanto indivíduo, que pertencem a grupos minoritários e inviabilizados, como a personagem César, um rapaz homossexual (que enfrentara toda a epidemia da AIDS, em sua forma mais crua), um produtor musical e que sofre constantemente com o abandono emocional paterno. Ademais, teremos até o impacto da violência, com a personagem Rosalvo, que busca por sua filha nas periferias da cidade carioca, em um período de aumento no número de moradores. E por fim a presença do discurso conservador/tradicional e patriarcal sobre os indivíduos, tais como a personagem Inácio, e Selma (mãe de César), o primeiro usando uma “passividade” como forma de mecanismo de autodefesa e limitação, e a segunda sendo vítima do discurso patriarcal no âmbito do matrimônio e também ao que é imposto socialmente as mulher (compaixão, resiliência, quietude e submissão).

⁴ É um jornalista, autor e escritor brasileiro, nascido no interior do Paraná, em 1977, do qual mudou-se para Curitiba aos 18 anos e iniciou a carreira de jornalista. Tendo em sua formação bacharelado de jornalismo de comunicação social, mestrado em economia e política internacional, já tendo atuado em diversos veículos, como editor de Mídia e Marketing em O Estado de S. Paulo, na Gazeta Mercantil, Portal G1, Estadão e na emissora alemã de rádio e TV Deutsche Welle. Atualmente é CEO da OvoCom com expertise em Comunicação Corporativa e Inovação. (In: LINKEDIN. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/fernando-scheller-31027a55?trk=universal-search-cluster>. Acesso em: 21 de Dezembro de 2024).

Em relação à metodologia adotada se delimita na análise das relações de afeto na obra de Scheller, destacando a complexidade do conceito de afeto, que transpassa a ideia de sentimentos positivos e se estende a implicações negativas, como a insegurança e a dependência emocional, e busca também compreender como essas dinâmicas afetivas, influenciadas por contextos familiares e diferentes dinâmicas impactam a formação das identidades das personagens. Por exemplo, a personagem Baby é pressionada pela mãe para se encaixar em um padrão de "perfeição" social e conseguir um ótimo casamento, sendo, que isso irá acabar desenvolvendo grande um medo da rejeição. Já a personagem César enfrenta o abandono emocional e a rejeição paterna, que resulta na sua busca por aceitação e reconhecimento. E finalmente, o personagem Inácio, que vivencia conflitos emocionais em suas relações de amizade e amorosas, que influenciam todas as suas decisões ao longo da narrativa.

Além disso, será incorporado ao trabalho o referencial teórico de autores que discutem os afetos e sua ligação com a literatura e a sociedade, tais como Antonio Candido: *Literatura e Sociedade*, 2014; Norbert Elias: *O Processo Civilizador*, 1994; Eva Illouz: *Capitalismo das Emoções*, 2007; Courtine, Corbin & Vigarello: *A História das Emoções*, 2020; Rezende & Coelho: *A Antropologia das Emoções*, 2010; Gadea: *Afetividade Contemporânea e sua Relação com a Individualidade e Construção do Sujeito Moderno*, 2016; e Jean Delumeau: *História do Medo no Ocidente, 1300-1800: Uma Cidade Sitiada*, 1989. Como também tal justificativa para a escolha deste tema reside na relevância de se discutir as dinâmicas afetivas na literatura brasileira contemporânea, especialmente em um contexto social e histórico específico, como o da década de 1980, voltada para relações de amizade, relações amorosas e familiares. Como também na relevância do fato de que essa obra, até o momento, não possui nenhuma análise acadêmica publicada ou qualquer trabalho crítico aprofundado sobre sua narrativa. Essa ausência revela uma lacuna nos estudos literários contemporâneos, tornando essencial investigar a obra, suas temáticas e suas contribuições para a compreensão das relações humanas e das emoções na literatura brasileira atual, assim ao trazer essa análise inédita, este trabalho não apenas amplia o debate acadêmico, mas também evidencia a importância de explorar novas narrativas e autores que ainda não receberam a devida atenção crítica.

Assim, por fim, esse trabalho se encontra estruturado em três seções principais. A primeira abordando as noções gerais e teorias que fundamentam a pesquisa, incluindo os conceitos de capitalismo das emoções, antropologia das emoções, processo civilizador e o papel da literatura e da sociedade, além do contexto histórico em que a obra está inserida. Já a segunda seção se dedica à análise dos personagens Baby, César e Inácio, explorando como o medo da rejeição molda as suas construções no decorrer da narrativa. Por fim, a terceira seção discute as implicações sociais e culturais das dinâmicas afetivas na obra, com foco no medo do abandono e sua relação com as vivências dos personagens mencionados. Dessa forma, a pesquisa busca evidenciar como a obra *Gostaria que você*

estivesse aqui (2021), constrói dentro de sua narrativa sobre os afetos e suas consequências na vida dos indivíduos.

2. O PESO DO AFETO: EMOÇÕES, PODER E LITERATURA NO PROCESSO CIVILIZADOR

Na obra *História das Emoções Vol. 3: Do Final do Século XIX até Hoje*, de Jean-Jacques Courtine, Alain Corbin e Georges Vigarello (2020) nos apresentam uma investigação aprofundada sobre a evolução das emoções ao longo do tempo, sendo de maior importância para o referido trabalho o destaque do primeiro capítulo, intitulado *O Império das Emoções*, no qual oferece um panorama inicial (histórico) sobre como esses estudos foram concebidos inicialmente dentro da área da psicologia, partindo da distinção entre reações biológicas, hormonais e até mesmo comportamentais, pois como o principal foco aqui é compreender as emoções a partir de uma visão histórica e científica, especialmente nas áreas da antropologia e sociologia, se faz necessário esse pequeno recorte, para que seja possível uma compreensão objetiva sobre como chegaram posteriormente na área das emoções, voltadas para as relações afetivas sociais e suas estruturas, como por exemplo, as relações familiares e amorosas.

Além disso, esse capítulo também irá resgatar as primeiras investigações científicas sobre o tema, como os estudos de Charles Darwin em *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais* (1872), que inaugura uma abordagem sobre como a universalidade das emoções se dará e sua relação com as expressões corporais. Poucos anos depois, William James, com seu ensaio *What is an emotion?* (1884), inscreve como as emoções se apresentam nas modificações do corpo biológico, o que contribui significativamente para a estruturação do pensamento emocional no campo da psicologia ao longo do século XX.

Assim, ao interligarmos com o romance, essa perspectiva pode ser observada na forma como as personagens Baby, César e Inácio, lidam com suas emoções diante das expectativas impostas pelo meio em que vivem. Baby, por exemplo, internaliza desde cedo a ideia de que deve corresponder a um ideal de feminilidade que lhe é imposto pela mãe e pela sociedade, sendo o seu comportamento muitas vezes, uma reação inconsciente a essa pressão, oscilando entre o desejo de liberdade e o medo da rejeição. Já César, por outro lado, enfrenta um conflito emocional ainda mais profunda, pois ser um jovem homossexual não é apenas uma questão de identidade pessoal, mas um campo de disputa entre seu corpo, sua mente e o olhar repressor do pai. E Inácio, mesmo sendo moldado para se encaixar no papel de homem provedor e racional, demonstra sinais de insegurança emocional, principalmente quando suas certezas são abaladas pela amizade com César, tais dinâmicas reforçam como as emoções, longe de serem apenas respostas biológicas, são socialmente construídas e reguladas.

Em adição aos impactos das pesquisas psicológicas, no final do século XIX, também veremos o surgimento de estudos sobre a relação entre emoções e política. Por exemplo, em 1895, Gustave Le Bon publica *A Psicologia das Multidões*, que expressa a preocupação com a volatilidade das emoções na vida pública e seu papel na formação das

massas. Tais pensamentos também influenciaram outros teóricos, como Gabriel Tarde e Émile Durkheim, que analisaram o contágio emocional nas sociedades modernas e sua influência nas instituições políticas e religiosas.

Esse interesse crescente nas emoções como elemento de estruturação da sociedade iniciaria uma espécie de preparo do terreno para outras disciplinas, como a antropologia, que aprofundaria a análise das emoções em diferentes contextos culturais e históricos, principalmente na década de 1970. Todavia, não será esse o referencial destacado anteriormente que servirá de base para esse trabalho, mas sim os estudos realizados por Lutz (1988), que inicialmente traçaram um longo questionamento em relação às emoções: biológicas ou culturais? Assim, para uma melhor explicação traremos a partir do livro *Antropologia das Emoções* (2010), de Claudia Barcellos Rezende e Maria Cláudia Pereira Coelho, a percepções das autoras, sobre os estudos de Lutz, no qual argumentará (Lutz) que um dos pilares da etnopsicologia⁵ ocidental é de que a partir de aspectos da psicologia ocidental, tais como a constituição de um dualismo fundamental se molda o meio e também uma oposição entre o corpo e a mente.

As emoções teriam vários atributos em comum com os fenômenos corporais. Por exemplo, apresentariam muitas vezes o mesmo caráter involuntário e espontâneo que muitas reações corporais. Explicações como aquelas que veem hormônios e reações neurológicas como produtores de emoções reforçam a ideia de que elas aconteceriam de maneira independente da vontade do sujeito. Diz-se também que a paixão e o amor são sentimentos que não escolhem seu objeto. Em outros momentos acredita-se que a raiva sentida surja de maneira incontrolável, sendo também difícil de ser manifestada de modo contido. As lágrimas de tristeza exemplificariam uma reação emotiva e ao mesmo tempo corporal vista como involuntária, a tal ponto que chorar em cena seria um aprendizado difícil para atores. (Rezende; Coelho, 2010, p. 21).

A partir dessa abordagem é fundamental para se compreender como se constrói as vivências afetivas dentro de um contexto social específico (como o da obra) e sua influência no que rege um discurso hegemônico de massa. O medo do abandono, por exemplo, permeia toda a trajetória de Baby, criada para ser admirada em detrimento de seus “dotes”, ela também teme ser deixada quando não corresponde às expectativas dos outros, no qual tais insegurança refletem a maneira como a sociedade ensina as mulheres a basearem seu valor na aceitação masculina. Já César representa um caso de exclusão emocional estruturada: sua orientação sexual não é apenas um aspecto pessoal, mas um ponto de confronto com seu pai, um aspecto que simboliza a rigidez do modelo heteronormativo da época e a busca por aceitação, fatores, como o silêncio, a negação e o medo tornam-se mecanismos de defesa para ele. Inácio, por sua vez, encarna a tensão entre a cultura patriarcal e o contato com realidades que ele foi ensinado a ignorar, pois ao vermos sua intensidade de amizade com César ao longo da narrativa, nos faz questionar normas que antes pareciam naturais, porém o peso do meio social impede que ele rompa

⁵ A etnopsicologia é o ramo dentro da psicologia que explora as interações entre diferentes culturas, etnias e comportamento humano. (ETNOPSICOLOGIA. In: Dicionário Priberam Online de Língua Portuguesa (DPLP). Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/etnopsicologia>. Acesso em: 13 de Janeiro de 2025).

completamente com esses padrões, isto é, o reflexo da imposição dessas emoções em sua forma mais plena, são biológicas ou construções sociais? O que pode vir a explicar também um possível triângulo amoroso entre os personagens, como será apresentado durante as análises.

Diante disso, se faz de suma importância destacar a área da etnopsicologia, da antropológico ou até mesmo da exploração das manifestações de diferentes aspectos culturais etc., pois ao temos a historicidade social ou cultural também como papel influenciante que desempenha um papel crucial na formação desses afetos (emoções), poderemos perceber que ao longo de toda história das relações humanas essas formas de afeto, relações amorosas de amizade, foram moldadas por estruturas de poder, hierarquias e normas que determinam como os indivíduos devem vivenciar e expressar suas emoções. Por exemplo, em contextos nos quais a estabilidade emocional era associada à força e à resiliência, o medo do abandono poderia ser reprimido ou negado, assim gerando conflitos internos, como o que aconteceu entre Inácio e Baby e por consequência entre a amizade de Inácio e César.

Assim, teremos a construção cultural dos afetos revelando-se como diferentes sociedades se projetam, interpretam e valorizam as emoções. Como as das sociedades em culturas coletivistas, a interdependência emocional é frequentemente incentivada, o que pode misturar o medo do abandono, já que está associado às normas partidas do acordo do padrão social e refletindo na manifestação individual, de tal modo, causando por vezes o pagamento pessoal (discurso da heteronormatividade), sendo que os da social são mais estáveis e previsíveis. Já, em outras culturas, individualistas, a pressão pela autossuficiência a competição podem exacerbar esses medos, uma vez que as relações são percebidas como mais voláteis e condicionais. Como destacado na citação a seguir:

Embora nessa etnopsicologia as emoções tenham uma dimensão psicobiológica, admite-se que a sociedade influencie o modo de expressar os sentimentos. Assim, reconhece-se a existência de regras de expressão que afetam a manifestação dos sentimentos não apenas de acordo com os contextos sociais, como também entre sociedades diferentes [...].

Outra característica vista como social é a linguagem verbal e corporal para expressar as emoções. A manifestação de afeto por uma pessoa pode ou não envolver gestos, como beijos e abraços, que implicam o toque no corpo do outro. O vocabulário emotivo de uma sociedade é reconhecido como distinto do de outra [...]. (Rezende; Coelho, 2010, p.21-22).

Desse modo, em complemento a isso teremos os estudos de Norbert Elias no texto *O Processo Civilizador* (1994), que analisa a evolução das normas sociais e comportamentais na sociedade ocidental, propondo que o processo de "civilização" é um conjunto de transformações graduais no comportamento humano, tais como o controle das emoções, da violência e da sexualidade, que surgem com\para o fortalecimento do Estado e a centralização do poder, no qual argumenta também que essas mudanças são o resultado maior de interdependência entre os indivíduos.

A imagem de homem como “personalidade fechada” é substituída aqui pela “personalidade aberta”, que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que aqui é chamado de configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. (Elias, 1994, p. 237).

Além disso, para falarmos em uma contraposição à ideia tradicional de um indivíduo isolado na para a sociedade, teremos o que chamados de personalidade fechada, isto é, o ser humano pode existir de forma autônoma e independente, sem a necessidade existencial de outras pessoas para sua construção identitária social. Já a noção de personalidade aberta, se destaca justamente pela correlação entre as relações humanas, sendo que o indivíduo nunca é totalmente autônomo, pois desde o nascimento sua identidade é moldada pelas relações sociais, por meio das quais cada pessoa se orienta e depende dos outros, seja emocionalmente, culturalmente ou até mesmo socialmente, o que, em resultado, torna impossível pensar o ser humano como uma figura isolada.

E para que se consiga explicar essa interdependência entre indivíduo e seus diversos contextos sociais, teremos a utilização do conceito de configuração, que representa a rede de relações entre os indivíduos, sendo as configurações sociais dinâmicas, ou seja, mudam conforme as interações humanas se transformam ao longo do tempo, que vão desde as ligações mais básicas, por exemplo, como comer e beber e até aquelas construídas por meio da socialização, a educação e necessidades recíprocas (relações amorosas, familiares e etc.) sempre conectados uns aos outros. Portanto, a identidade individual só pode ser entendida dentro de um contexto coletivo, reforçando que as relações sociais não são meros acessórios da existência humana, mas sim sua base de estrutura.

Em concorrência com tudo abordado, será enfatizado o que Antonio Candido ilustra no texto *Literatura e Sociedade*, por estarmos nos referindo a um texto literário, na relação entre a literatura e o contexto social, não como um fenômeno isolado, mas sim profundamente influenciada pelas condições históricas, culturais e políticas de uma sociedade, um reflexo e, ao mesmo tempo, podendo ser uma forma de expressão e resistência. Ele também destaca a função da literatura como uma mediadora das transformações sociais, que ajudam a construir e consolidar a identidade de toda uma sociedade, e que em sua totalidade a obra literária deve ser compreendida em sua totalidade, levando em conta tanto sua forma estética quanto seu conteúdo (imerso em um contexto social específico).

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que a podemos entender fundindo texto e contexto

numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (Candido, 2014, p. 13 -14).

Diante disso, Eva Illouz em *O Capitalismo das Emoções* (2007), irá argumentar que, durante essa transição social entre a literatura e os aspectos de estruturação, haverá interseção entre as transformações sociais e o capitalismo afetivo, o que resulta em uma reconfiguração das emoções e das relações pessoais, incluindo a estrutura familiar, isto é, o modelo tradicional de família, antes rígido e vinculado a normas tradicionais, que passa a ser desafiado, enquanto novas formas de relacionamento, mais flexíveis e individuais, surgem, mas ainda assim, são influenciadas pelo mercado. O capitalismo, aqui, irá promover ideais de felicidade e sucesso emocional, muitas vezes impondo pressões que entram em conflito com as aspirações sociais e políticas de liberdade conquistadas. Pois, ao estarmos falando de um contexto da redemocratização brasileira, as emoções e as relações interpessoais, são simultaneamente libertadas e controladas, por um sistema que explora as necessidades emocionais para gerar consumo, evidenciando a complexidade dessa interdependência entre o social e o econômico.

Portanto, nesse sentido, o livro se insere na classificação da literatura brasileira contemporânea ao não apenas contar uma história, mas também denunciar como certas normas emocionais e sociais perpetuam exclusões e sofrimentos, essas dinâmicas aparecem na maneira como as personagens moldam seus comportamento, discursos e também na forma comercializam/vendem a imagem de felicidade e sucesso. Baby é pressionada a ser a garota perfeita, desejável e confiante, mas essa idealização mascara suas inseguranças. César precisa esconder sua verdadeira identidade para sobreviver em um ambiente hostil, o que evidencia como a sociedade da época impunha padrões rígidos de comportamento, tendo que até mesmo se provar inúmeras vezes para ter sucesso em sua carreira profissional. Inácio, criado para ser forte (provedor) e sempre racional, também sofre os impactos desse modelo, pois sua humanidade é suprimida pelo papel que lhe foi designado socialmente.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: DÉCADA DE 1980 À 1990

A década de 1980 no Brasil foi um período de intensas transformações políticas, sociais e culturais, pois, com o fim da ditadura militar (1964-1985), o país passou por um grande processo de redemocratização marcado por embates entre os diferentes setores da sociedade. Tivemos uma transição para a democracia que não foi instantânea e nem tranquila, ao envolver negociações entre militares e civis, além da luta constante de movimentos sociais por direitos e participação efetiva na política. Ainda, nesse contexto, os movimentos sociais desempenharam um papel fundamental na redemocratização do país, como por exemplo, o movimento Diretas Já (1983-1984), no qual foi um marco histórico na política e democracia brasileira, reuniu milhões de pessoas em manifestações

que exigiam eleições diretas para presidente. Mesmo com a derrota da Emenda Dante de Oliveira,⁶ que propunha o retorno do voto direto, a pressão popular contribuiu para a eleição indireta de Tancredo Neves em 1985, simbolizando o fim da ditadura. A partir desse momento, se consolidou o caminho para a democracia, resultando na promulgação da constituição federativa de 1988 e com a elaboração da Constituição de 1988 tivemos um dos momentos mais importantes desse período, conhecida como Constituição Cidadã, pois se consolidou diversos direitos fundamentais que nos regem até a atualidade, como liberdade de expressão, direito à saúde e à educação para todos, além de garantir aprovações universais e até mesmo estabelecer bases para a proteção ambiental.

De modo paralelo, neste período, o país enfrentava a epidemia da AIDS, que emergiu no final da década de 1980. Inicialmente, a doença foi cercada e até mesmo na atualidade por estigmas e desinformação, afetando principalmente populações marginalizadas e minoritárias, como a comunidade LGBTQIAPN+. O impacto da AIDS foi muito grande não apenas no campo da saúde pública, mas também no psicológico e social, pois a doença carregava consigo um forte preconceito, então, o medo da rejeição e do abandono afetava aqueles que viviam com o vírus, muitas vezes forçados ao isolamento ou a esconder sua condição de todos com quem conviviam. Questões de desinformação sobre a transmissão do HIV alimentaram o preconceito, dificultando a vida de muitos pacientes que enfrentavam não só os desafios da doença, mas também a exclusão social. Porém, com a mobilização de ativistas e profissionais de saúde, o governo foi pressionado a adotar políticas públicas mais eficazes. Nos anos 1990, especificamente em 1991, o Brasil se destacou mundialmente ao garantir acesso gratuito a medicamentos antirretrovirais pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tornando-se referência no combate contra a doença.

Já no âmbito cultural, a música e as artes passaram por uma explosão\crescimento criativo, refletindo os novos ares da democracia. O rock nacional, por exemplo, atingiu o seu auge com bandas como Legião Urbana, Titãs e Paralamas do Sucesso, cujas letras abordavam temas polêmicos e com temáticas voltadas para as políticas sociais. Além disso, o axé e o sertanejo raiz começaram a ganhar espaço, diversificando ainda mais o cenário musical brasileiro. O cinema e as artes plásticas também se renovaram nesse período. A crise econômica e a falta de incentivos impactaram a produção cinematográfica na segunda metade da década de 1980, mas nos anos 1990, o cinema nacional foi renomado com a retomada do financiamento público, resultando em filmes de grande impacto, como *Terra Estrangeira* (1995) e *Central do Brasil* (1998). Além da música e do cinema, a televisão desempenhou um papel central na cultura popular brasileira. As telenovelas da época, como *Roque Santeiro* (1985) e

⁶ Já deputado federal pelo PMDB do Mato Grosso, em 1983, Dante de Oliveira formalizou, por meio de emenda constitucional, o pedido pelo voto direto para presidente, com o objetivo de que a escolha voltasse a ser feita pelo povo, a proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 05, de 02 de março de 1983. Tal emenda foi derrotada no Congresso, porém, a comoção do público e a pressão midiática em torno da pauta provocaram uma divisão na base do governo, o que favoreceu a eleição do candidato da oposição à ditadura, Tancredo Neves (PMDB), que, devido a problemas de saúde, não chegou a governar. Em seu lugar, assumiu José Sarney, vice-presidente eleito pelo Partido da Frente Liberal (PFL), originado da dissidência do Partido Democrático Social (PDS) e descontente com a indicação de Paulo Maluf para as eleições de 1985. (_____. Colab PUC Minas, 2024. Quem foi Dante de Oliveira, o autor da emenda. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/quem-foi-dante-de-oliveira-o-autor-da-emenda>. Acesso em: 30 de Janeiro de 2025).

Vale Tudo (1988) abordavam temas políticos e sociais, muitas vezes criticando a corrupção e as desigualdades do país.

No Rio de Janeiro, o espaço do Circo Voador teve um papel essencial na cena político-cultural nos anos 1980, se consolidando como um dos símbolos da redemocratização. Surgido em 1982, inicialmente na Praia do Arpoador e depois fixado na Lapa, tornou-se um polo de liberdade artística e resistência, especialmente em um período de transição pós-ditadura. No campo cultural, foi fundamental para a ascensão do rock nacional, abrigando apresentações de bandas como Blitz, Kid Abelha e etc. Além de promover também o começo da expansão nos rádios e com jovens de outros lugares do país, formando suas bandas e gravando discos, como juntamente o intercâmbio entre diferentes gêneros, como MPB, samba e rap. O Circo Voador também foi palco para experimentações teatrais, performances poéticas e intervenções artísticas, que refletiam a busca por novas formas de expressão em um país que tentava se reencontrar com a democracia.

Além da relevância artística, o espaço do Circo Voador teve um grande impacto político, pois nos anos 1960 até 1970, não havia espaços para reuniões e organização política, já que os centros acadêmicos e estudantis não tinham voz, nem representatividade e o qual a censura era extrema. Assim, como a abertura de um local capaz de reunir quinhentas, mil ou até duas pessoas se tornou um ato político significativo. Os militares tentaram eliminar esses focos de resistência, mas o movimento estudantil, que era um dos principais impulsionadores da luta por mudanças, ganhou espaço e força com a criação desse ambiente, forças essas que impulsionam de forma significativa a revolução e política brasileira⁷.

Assim, diante desse cenário nacional político, teremos o livro contemporâneo *Gostaria que você tivesse aqui* (2021), de Fernando Scheller, dialogando diretamente com os acontecimentos políticos e sociais das décadas de 1980 e começo de 1990 no Brasil. Tal obra aborda de maneira objetiva, o impacto do Circo Voador (no Rio de Janeiro) como espaço de resistência cultural, como também a epidemia da AIDS e as transformações nas estruturas familiares e sociais desse período, esses elementos históricos não apenas compõem o pano de fundo da narrativa, mas também influenciam diretamente a trajetória dos personagens. Pois teremos nesse cenário boa parte da construção da narrativa, lugar onde a personagem César inicia sua carreira como produtor musical de uma pequena banda de rock nacional e local no qual a personagem Inácio irá se desenvolver em relação a várias discussões, tais como seu papel como indivíduo social e consumidor da música brasileira.

Desse modo, ao destacarmos personagens como Baby, César e Inácio dentro da narrativa, conseguiremos por meio da história revelar como as mudanças da época moldaram subjetividades, afetos, medos e suas relações, pois a construção desses personagens evidenciam a historicidade desse contexto, mostrando de forma clara como

⁷ Dados contextualizados a partir da edição de livros por assinatura TAG inéditos, de Maio de 2021. Como também da dissertação de mestrado de VIDAL, A. T. V., intitulada *História do Circo Voador: Cultura, Sociedade e Democracia no Brasil Contemporâneo 1982/1996*. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

questões políticas e sociais se entrelaçam com vivências individuais, ou seja, fatores que influenciaram o medo da rejeição e do abandono, intensificado pela epidemia da AIDS e pela instabilidade social, permeiam as relações dos personagens, que irão revelar não apenas angústias pessoais, mas também um reflexo das inseguranças de uma geração que buscava pertencimento e aceitação em meio às transformações da época.

4. CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE AFETO

O seguinte tópico será dividido em duas sequências principais, cada uma explorando aspectos emocionais distintos dos personagens Baby, Inácio e César. A primeira focalizando trechos da obra que evidenciam o temor dos personagens de não serem aceitos por aqueles que desejam, e ao mesmo tempo em que enfrentam a dor da exclusão decorrente de sua identidade, desejos ou condição social, resultando no medo da rejeição, sendo um contexto que se inicia no individual (íntimo) e acaba por ser anulado pela construção social padrão. A segunda parte irá abordar momentos em que os personagens lidam com o receio de serem deixados para trás ou esquecidos por aqueles que amam, além de passagens que enfrentam o peso da ausência de figuras importantes em suas vidas, partindo da construção social e finalizando em como o indivíduo se abandona em fatores de sua identidade, para ser aceito no meio coletivo.

4.1 MEDO DA REJEIÇÃO

O medo da rejeição é um dos aspectos afetivos mais determinantes na construção das subjetivas das personagens na obra. Tais emoções são enraizadas em experiências familiares e sociais, moldando suas decisões e modo de se relacionar com o mundo. César, por exemplo, carrega a necessidade de provar seu valor, especialmente diante do pai, projetando sua identidade e sucesso profissional como uma resposta ao desprezo paterno. Inácio, inserido em uma estrutura tradicionalista, lida com a repressão de seus desejos, temendo que qualquer desvio do padrão esperado o torne indigno de pertencimento. Como veremos inicialmente nas experiências de César e depois partindo para as da personagem Inácio.

Inicialmente, no trecho abaixo temos o que evidencia a experiência dolorosa e conflituosa vivida por César ao internalizar os insultos direcionados à sua orientação sexual. A utilização dos termos pejorativos como "bicha" e "boneca" não apenas revelam o preconceito estrutural da sociedade, mas também expõem o impacto psicológico que essas ofensas irão causar na construção de sua autoimagem. Fatores como medo e a insegurança decorrentes desse processo irão reforçar a ideia de que, para ele, o afeto está condicionado à conformidade com padrões impostos, especialmente à heteronormatividade, ou seja, gera um profundo sentimento de inadequação, na forma de suas vivência e ilustra como as expectativas sociais reprimem a autenticidade do individual, comprometendo totalmente a noção de pertencimento e aceitação,

desconsiderando o direito à felicidade e à autodeterminação. Sem falar na própria construção do que a sociedade impõe ao se ditar a “normalidade” na fase da infância e na fase adulta, a própria construção de como desde a infância o sujeito deve se moldar a determinados padrões ou o que de fato é certo e errado.

O que mais doía era admitir que estavam certos. Passara tanto tempo se esquivando, escondido, buscando uma identidade diferente. Bicha, gay, veado e - o pior de todos - boneca. De todos os xingamentos, este último doía especialmente, ficava cutucando a alma até uma dor física tomar conta dele. Quando descobriu que era bicha mesmo - não daquela forma teórica de criança, mas de maneira prática e suarenta dos adultos, uma força estranha que o atraía para o lado aonde não deveria ir -, César fez tudo para ignorar, postergar, espantar a realidade. Mas a verdade estava ali e, por mais que se esforçasse, vai-se prestes a ser descoberto. Seu segredo era aberto, um cartaz exposto em praça pública para ser filmado por uma rede de televisão [...]. (Scheller, 2021, p. 28).

A partir disso, podemos fazer uma relação direta com a passagem seguinte, no qual o personagem Inácio é apresentado no começo da narrativa, também procurando o mesmo que César, isto é, uma procura enquanto sujeito pleno e que sofre com o medo da rejeição em relação às suas relações amorosas. Nesse cenário teremos a ligação que faz inicialmente César e Inácio se tornarem amigos e construir esse laço afetivo a partir da relação de amizade. No qual aqui iremos perceber a exposição da dinâmica de desigualdade na relação entre Inácio e Baby, pois ele se descreve como "eternamente dominado", tal como um brinquedo resgatado quando conveniente, pontuando assim que Baby tem total controle sobre a nível de proximidade ou o afastamento entre os dois. A figura de Inácio, por sua vez, se conforma em correr atrás sempre que chamado, o que dá sugestão de dependência emocional que se assemelha ao comportamento de alguém que teme a rejeição a ponto de aceitar uma relação unilateral.

Inácio, eternamente dominado, era um brinquedo resgatado só quando conveniente: a proximidade ou não dos dois virava uma decisão que cabia apenas a Baby. A Inácio, restava correr toda vez que era chamado. Ele começava a tomar o controle de sua vida e havia feito alguns avanços, mas ainda era muito infantil quando se tratava do amor. Podia ser um devaneio adolescente, mas ele acreditava que ficariam juntos. Era uma dessas certezas que tranquilizavam mesmo quando semanas se passavam sem comunicação. Havia a chance, claro, de toda essa sensação de segurança ser apenas invenção [...]. (Scheller, 2021, p. 74-75).

Assim, essa passividade de Inácio no amor reforça sua imaturidade emocional, pois acredita em uma possível união duradoura com Baby, mesmo quando a realidade aponte o contrário. Uma visão tão ilusória que sua esperança pode ser vista como um mecanismo de defesa contra o medo do abandono, segundo o qual ele prefere se agarrar à possibilidade de um futuro juntos a encarar a realidade de que Baby não lhe oferece afeto permanente.

Ademais, o medo da rejeição se amplia para uma dimensão quase fatalista na passagem seguinte, na qual Inácio questiona se sua tendência a buscar amores impossíveis poderia ser algo genético, isto é, uma espécie de maldição familiar. O fato é de que ele e

sua irmã, Irene, sempre estarem envolvidos com relações inatingíveis, demonstrando um padrão que pode ser resultado de um medo inconsciente de viver relações reais ao se prenderem a amores impossíveis, evitam a possibilidade de envolvimento verdadeiro, o que os protege, de maneira paralela, da rejeição direta. Tais construções podem ser pensadas como consequências de imposições sociais, por exemplo, a ideia de estar sozinha ou até a visão que alguém não possui um relacionamento fixo, pode ser interpretada com maus olhos, em contrapartida com estar/integrar uma relação amorosa desgastante ou de qualquer natureza, o que importa socialmente é o status (não o individual).

[...] Queria saber se a atração por paixões fadadas ao fracasso era predisposição genética. Assim como nos romances clássicos, poderiam os membros de sua família estar destinados a viver malfadadas histórias de amor, atreladas a períodos de rejeição e sofrimento? A preocupação fazia sentido, já que ele e a irmã viviam, cada um de uma forma, amores impossíveis. Inácio passava os dias esperando pelas poucas vezes em que Baby lembrava de sua existência; já Irene sonhava com um homem que literalmente não sabia quem era ela. A tendência é buscar amores impossíveis a impedir de viver no mundo real. (Scheller, 2021, p. 75).

Outro trecho importante, será o que apresenta um momento crucial na trajetória emocional de Inácio. Em um momento que a narrativa dentro do livro já está um pouco desenvolvida, se encaminhando para metade da história. No qual as personagens César e Inácio, já possuem um grande vínculo afetivo por base da amizade, já vivenciaram muitos momentos juntos e a floraram algumas experiências da fase da adolescência, e começo dos dilemas da fase adulta. César já se aceita como homem gay (e se tornou um produtor musical no espaço do circo voador) e Inácio, se afastou de Baby (por algumas questões descritas na obra). Aqui Inácio beija César impulsivamente, mas, logo depois, tenta racionalizar seus sentimentos, que irão oscilar entre o sentimento de aceitação e negação, pois o beijo, inicialmente, é descrito como um ato espontâneo, que coloca César em estado de imobilidade, como se estivesse em estado de choque, ou seja, tal detalhe irá reforçar a ideia de que a situação foge dos padrões esperados por ambos, criando uma espécie de clima de tensão e incerteza.

Porém, Inácio, por sua vez, se afasta rapidamente e mantém uma distância segura de César, que pode ser interpretado como que mesmo sendo movido pelo desejo e até impulsão, ainda não entende completamente suas próprias emoções. Por exemplo, ao pensar que *"definitivamente não era homossexual"* sugere que Inácio busca uma justificativa para o que aconteceu e tenta esclarecer seus sentimentos dentro de uma narrativa que ele possa aceitar. No entanto, a seguir, ele admite amar César *"de um jeito muito claro e ao mesmo tempo difícil de explicar"*, o que contradiz sua afirmação inicial e demonstra que seu amor pelo amigo é genuíno, mas que pode não se encaixar nas categorias que ele compreende ou até aceita plena.

[...] No turbilhão de novidades que vivera, Inácio estava pronto para acrescentar mais uma. César permaneceu imóvel, como se sua vida estivesse em perigo. Então Inácio se precipitou definitivamente sobre o amigo e o beijou, talvez por três ou quatro segundos e depois novamente, só por um instante. Retornou, com habilidade, ao seu lugar, e sentou-se a uma distância segura de César. Não, definitivamente não era homossexual. Mas ali, do alto, observando todas as outras criaturas do Rio de Janeiro, sabia que o amava. Amava César

como um irmão. Ou talvez não fosse isso. Na realidade o amava de outra forma, de um jeito muito claro e ao mesmo tempo difícil de explicar. Sabia que não era algo comum. Na realidade, em meio àquele silêncio construído em metal e vento, até Baby parecia irrelevante. Naqueles instantes, amava César mais do que qualquer outra pessoa. (Scheller, 2021, p. 92).

Outro ponto importante é o contraste neste trecho com Baby, que Inácio irá fazer, pois, no instante do beijo, ele percebe que, por um momento, ela se torna irrelevante, o que pode significar que seus sentimentos por César podem ser mais profundos do que aqueles que tem por Baby ou até mesmo se sentir da mesma forma. E tais conflitos internos podem indicar, por um lado, que ele tem um afeto intenso por César, mas, por outro, sente a necessidade de rotular e até de limitar seus sentimentos para manter sua imagem intacta. Nesse momento, podemos perceber um triângulo amoroso formado entre Baby, Inácio e César, que é marcado por uma complexa dinâmica de desejos não correspondidos, frustrações e expectativas conflitantes. Como se faz notável na passagem abaixo sobre a crise de identidade da personagem Baby.

Ao trazermos uma das cenas mais impactantes da narrativa sobre a crise de identidade de Baby, ao se olhar no espelho e enxergar Eunice, seu nome de batismo, e não a si mesma, a personagem se confronta com sua própria anulação.

Baby olhou-se no espelho e viu Eunice, como fora batizada, e não ela mesma. A menina que corria mais rápido do que todos os garotos de Copacabana, que jogava bola no bairro Peixoto, que atraía todos os homens que desejou - e também os que nunca quis - transformara-se de novo em Eunice, e vivia em um mundo em que valiam as mesmas regras da avó paterna, que nem sequer conheceu, mas cujo nome carregava. Olhava-se e tudo que via era uma figura fraca e vetusta. Ou pior: uma versão mais jovem de sua mãe. Havia descido tão baixo que não havia mais aonde ir. Agora iam ao mesmo cabeleireiro, à mesma manicure, alimentavam-se das mesmas expectativas. E não havia sido Norma que a trouxeram até aqui - ela viera era empurrada, mas chegara com as próprias pernas. Sentou-se por um bom tempo, examinando-se, buscando vestígios de si mesma, e viu que não havia escolhido nenhuma das roupas que usava ou das joias que a enfeitavam. (Scheller, 2021, p.111).

Tal representação da figura do espelho é simbólica, ao significar a autoimagem e o autoconhecimento (consciência de si), assim se tornando um elemento de confronto, entre si mesma e seu reflexo. Outro aspecto significativo será a sugestão de uma desconexão profunda entre quem ela é e quem deveria ser segundo os padrões familiares. Sendo o peso do nome uma carga, nos remetendo a ideia de herança cultural e social, como se Baby estivesse predestinada a repetir padrões, independentemente de seus desejos. Pois ao perceber que sua imagem é agora semelhante à da mãe, Norma, ela enfrenta uma grande crise identitária, a figura forte e independente que um dia acreditou ser agora se assemelha àquela mulher de quem tentou fugir. A escolha da palavra "empurrada", por exemplo, indica que, embora tenha sido levada por pressões externas, foi também responsável por suas decisões, reconhecendo sua própria participação nesse ciclo vicioso de repetição, e o fato de não ter escolhido as roupas que veste ou até mesmo as joias que usa simboliza a perda ou começo da autonomia sobre sua própria vida, pois a partir dessa cena, a personagem Baby começa a fazer altas mudanças em sua vida, começando com a fuga de casa e indo morar em São Paulo, sozinha e de forma totalmente

despreocupada (determinando o que deve fazer, no que trabalhar e até mesmo o ambiente que irá morar), termina seu relacionamento com Otávio e sai da convivência com a mãe.

Desse modo, podemos perceber como cada um dos personagens busca intensamente sua autonomia. Baby, em sua busca por amor e estabilidade, se vê dividida entre Inácio, que representa uma segurança emocional e a conformidade com as expectativas tradicionais. Por outro lado, César, em seu conflito interno sobre sua identidade sexual e o medo do abandono, projeta seus próprios dilemas em Inácio e Baby, envolvendo-os em um jogo emocional que reflete suas inseguranças. O triângulo, portanto, pode ser interpretado não apenas como um conflito romântico, mas também como um reflexo das tensões entre identidade, afeto e as imposições sociais, onde a busca por aceitação e o medo da rejeição se entrelaçam de maneira destrutiva e insustentável.

Em virtude, desses cenários se faz importante também destacar a etimologia do nome das personagens, ao carregar uma simbologia clara que reflete suas trajetórias e conflitos internos ao longo da obra. Baby, cujo nome remete a um "bebê", sugere uma personagem em busca de afeto e cuidado, alguém que se vê como imatura ou carente de proteção, e cuja relação com a mãe, Norma (ideia de regra), expõe o desejo de ser amada e a necessidade de validação. O nome "Eunice", por sua vez, se associa à ideia de "boa sorte", o que pode refletir o dilema de Baby, isto é, uma mulher que busca a superação de suas próprias limitações emocionais e familiares, mas que, muitas vezes, se vê à deriva nas relações que constrói, o que também nos diz sobre a própria construção enquanto identidade e comportamento da personagem. Já César, com seu nome que evoca uma figura de imperador, sugere um personagem de forte presença e construção de identidade ligada ao poder e à aparência, o que de fato acontece durante a narrativa. Seu comportamento de "homem imponente" é um reflexo da pressão de se provar para o pai e para a sociedade, enquanto sua orientação sexual, ainda que marcada por um certo ocultamento, desafiando essa imagem de perfeição e sucesso pleno. O nome Inácio, por sua vez, remete à figura de São Inácio de Loyola, fundador dos jesuítas, simbolizando um homem de fé, mas também de sacrifício e redenção. Ele personifica o ideal de estabilidade e moralidade, mas sua relação com os outros personagens acaba desafiando essas expectativas⁸.

Dentro da narrativa, também será enfatizado como o personagem César se encontra em um dilema emocional diante da ausência paterna. Seu desejo de confrontar ou até mesmo se confortar em Roberto reflete uma grande tentativa de validação e, ao mesmo tempo, de demonstrar sua independência\ superioridade. Ao termos, por exemplo, referência ao dinheiro e à ascensão profissional como símbolos de aceitação, evidenciando que ele acredita que a reconquista do pai depende de sua capacidade de se tornar o filho que ele idealizou, isto é, a falsa esperança que ter capital, posso comprar (forjar) o afeto do pai. Resultando, assim, uma busca incessante pelo reconhecimento de um afeto que lhe foi negado durante toda a sua vida, revelando o impacto do abandono emocional na sua construção identitária, ou seja, a presença do pai se torna, paradoxalmente, algo essencial e doloroso, pois a ausência paterna deixou uma lacuna

⁸ In: Dicionário de nomes próprios. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>. Acesso em: 05 de Março de 2025.

que ele tenta preencher de diferentes formas, nesse caso, com o dinheiro, que ao ver da sociedade pode comprar ou até mesmo obter tudo.

[...] Não sabia se buscava confronto ou conforto - talvez ambos. Ansiava mostrar que, se dinheiro era problema, agora ele tinha de sobra, podia até desperdiçar o custo de uma corrida até a Barra. Se era um filho executivo que Roberto queria, agora tinha um. O pai podia voltar, abandonar a vida de plástico, as casas iguaizinhas, as viagens à Disney com a tia Augusta, as roupas copiadas das capas de revista. César o aceitaria de volta. Roberto, que antes lhe parecera tão insignificante e obtuso, de repente se mostrava essencial, algo que queria muito e não tinha. Ou então talvez quisesse jogar em sua cara o dinheiro, esnobar sua herança, lhe dar as costas de vez. Ou apenas precisasse chorar em seu ombro a morte de Lauro [...]. (Scheller, 2021, p.143).

Em concordância à passagem acima, teremos logo em seguida no decorrer da narrativa, um cenário extremamente forte e marcante pelos fatores de construção, como pela linguagem, que irá sintetizar a cena do pequeno reencontro entre César e Roberto, que é carregado em sua decorrência pela necessidade de afirmação, medo do abandono e pertencimento.

- Eu sou o seu filho.

Em um movimento contínuo, César se levantou e caminhou em direção à avenida. Fez sinal com a mão - um táxi aproximava, começou a piscar as luzes. O rapaz desejou com todas as forças que o carro não o visse. Sentiu em suas entranhas que o pai quis, de verdade, correr e abraçá-lo. Mas ele não se moveu. Roberto permaneceu sentado. O táxi parou. (Scheller, 2021, p. 147).

Quando a frase " - Eu sou o seu filho" é proferida virá uma grande carga de necessidade desesperada de reafirmação em relação ao breve. A hesitação do pai e a fuga final de César, representam a confirmação de seus piores temores, juntamente com o desejo de que o táxi não o veja, que simboliza a sua luta interna entre ser reconhecido ou permanecer "invisível" para evitar mais uma rejeição. Sugerindo que, no fundo, ele sabe que o pai sente algo por ele, mas a indiferença de Roberto reforça a barreira emocional que os separa, por exemplo, o gesto de não correr para abraçá-lo manifesta a impossibilidade de esse vínculo ser restaurado, consolidando a dor do abandono como uma constante na vida do personagem.

Em contrapartida, se apresenta os dilemas do personagem Inácio que possui um vínculo afetivo com uma moça chamada Luiza, porém não é necessariamente pautado no desejo ou na paixão, mas sim na segurança emocional e conforto que ela proporciona. Ele a vê como um porto seguro, uma presença confiável em contraste com a figura de Baby, que o deixou para trás sem nenhum aviso e em nenhum momento levou em consideração seus sentimentos.

Ao mesmo tempo que oferecia sua presença a César, Inácio apoiava-se na consistência de Luiza. Enquanto Baby tinha se aventurado em outro lugar, buscado outra vida sem sequer avisá-lo, Luiza permanecia firme, sólida, confiável. Era certo dar-lhe algo em troca. Inácio herdara de Joel, apesar de tanto tentar se distanciar dele, a tendência em ver a vida de forma prática. Certos prêmios são merecidos, sentimentos podem ser cultivados. Tem Luiza

por perto fazia se sentir seguro e confortável, um bote salva-vidas em tempos de águas remotas. Ele desejava a presença de Luiza e achava que essa era uma forma de amor. [...]. (Scheller, 2021, p. 155).

O pior que essa visão da relação como um *"bote salva-vidas"* revela que Inácio não está exatamente apaixonado por Luiza, mas sim grato por sua estabilidade e também sugere que ele encara o amor como algo construído, não necessariamente como um sentimento espontâneo, e que a racionalização do afeto revela a influência direta de Joel, seu pai, e talvez não seja benéfica ou lhe traga uma felicidade genuína, porém é o que possui no momento.

Também haverá a exposição nos fragmentos abaixo em relação aos dilemas de Inácio em questão a César, que pode ser até considerada ambígua, intensa e profundamente emocional, pois ele (Inácio) sente uma necessidade sem explicação de estar ao lado do amigo, e essa presença é essencial para seu bem-estar, até como se sua presença fosse insubstituível, ao possuir uma forte dependência emocional no amigo. Coisa que ele já descreve claramente não sentir em relação ao relacionamento que tem com Luiza.

Inácio decidira vir de bom grado, de coração aberto, queria estar com César, na verdade não suportava estar longe dele. O amigo era um privilégio, uma fonte de conhecimento e afeto que ele corria o risco de perder a qualquer momento. [...]. (Scheller, 2021, p. 174).

Já no trecho abaixo teremos as reflexões de César sobre suas relações e os impactos emocionais que elas têm em sua vida, assim como suas memórias e sentimentos que revelam uma dependência afetiva significativa, fruto da insegurança gerada por anos de rejeição e pela tentativa de se encaixar em um mundo que frequentemente o exclui. Portanto, ao vermos como ele encara suas conexões com os outros, percebemos a demonstração de uma oscilação entre desejo de pertencimento e medo da solidão. Ele anseia por vínculos profundos, mas, ao mesmo tempo, carrega a crença de que esses laços são frágeis e podem ser rompidos a qualquer momento, isto é, tais reflexões são resultado dos impactos da rejeição em sua trajetória, que são um impacto direto da ausência afetiva paterna, que resulta em moldar sua visão sobre o amor, a amizade e o lugar que ocupa no mundo.

Amava-o tanto e, agora, dera para pensar que não havia explicação para tanto sentimento. Inácio lhe despertava um misto de senso de proteção e luxúria não concretizada, romântica e trágica. Vê-lo com as mãos entrelaçadas, como uma súplica para o vento, para o invisível, o enchia de tristeza. Só confirmava o que ele no fundo já havia entendido: era o fim. Hora de aceitar a derrota [...]. (Scheller, 2021, p. 227).

E, em finalidade, o recorte das páginas seguintes.

Não pensou em chamar ninguém mais, apenas seu pai passou rapidamente por sua cabeça. Lembrou-se de ter pedido por ele, talvez em delírio de febre: agora, dava-se conta de que não se importava com essa ausência. Os amigos, bem, a maioria deles tinha tanto medo desse lugar que seria injusto arrastá-los até aqui. Tinham receio de serem contaminados, viviam buscando um cantinho estéril e seguro naquela cidade imunda. Selma começou a falar sobre planos para o

futuro, mas se deteve sem que César lhe chamasse a atenção, parecia que ela enfim aprendera a viver o momento. César gostava de estar de volta, questionou-se se havia valorizado o suficiente o que a vida lhe dera, da sorte que tinha de ter ao menos duas pessoas que se importavam com ele mais do que com qualquer outra coisa. (Scheller, 2021, p. 228-229).

Um ponto de virada essencial na trajetória emocional de César, enquanto antes a ausência paterna representava um fardo e uma ferida aberta, agora nos momentos finais de sua vida, ele afirma não se importar mais com isso. Tal deslocamento resulta na possibilidade de duas interpretações, sendo a primeira, como um amadurecimento, no sentido de que ele já não deposita suas esperanças em alguém que nunca esteve presente ou como uma forma de autoproteção, na qual ele racionaliza a ausência do pai para evitar reviver a dor do abandono novamente.

Outro ponto que deve ser mencionado, são os amigos, que irá reforçar a ideia de que o medo da rejeição não é uma característica exclusiva de César, mas algo presente em seu círculo social ou até mesmo em todos. Ao destacar o receio de serem "*contaminados*", pois naquele momento ele tem o diagnóstico do HIV positivo, e ao desejo de encontrar "*um cantinho estéril e seguro*" na cidade, sugere que o afastamento de certas pessoas pode ter sido motivado por uma tentativa de evitar confrontar realidades difíceis, como também um resposta ao desconhecido, neste caso o estigma em relação a doença e até mesmo ao contexto político.. Por outro lado, o reconhecimento de que ao menos duas pessoas realmente se importam com ele sugere que, apesar de todo o histórico de abandono e rejeição, ele encontra algum refúgio emocional em vínculos genuínos, esse momento contrasta com sua trajetória de solidão e indica uma nova percepção sobre as relações, pois no lugar de focar as ausências, ele começa a valorizar as presenças.

4.2 MEDO DO ABANDONO

O medo do abandono atravessa a trajetória das personagens, funcionando como um fio condutor de suas inseguranças e anseios. Baby, marcada pela negligência materna e pela instabilidade afetiva, cresce sem referências seguras, o que a leva a buscar desesperadamente laços que possam preencher essa ausência. César, por sua vez, internaliza o temor de ser deixado para trás, especialmente pela figura paterna, e canaliza essa angústia na construção de uma identidade profissional bem-sucedida, como forma de provar seu valor. Inácio, criado dentro de uma estrutura conservadora, lida com esse medo de maneira silenciosa, conformando-se às expectativas sociais para evitar o risco de exclusão. Dessa forma, o romance evidencia como a sensação de abandono não se limita à perda física de alguém, mas reverbera profundamente na maneira como cada personagem constrói sua identidade e lida com suas relações. Para evidenciar isso, explicaremos com os recortes abaixo:

Na sequência é apresentada uma jovem Baby (Eunice) que aos 19 anos, já se vê forçada a fazer escolhas que anulam seus desejos individuais em prol de um bem maior (da mãe), sugerindo uma percepção prévia de que para garantir sua segurança econômica e a da mãe, ela precisaria renunciar uma parte de si mesma. Por exemplo, ao decidir manter o relacionamento com Otávio, mais do que um envolvimento amoroso, se apresenta como uma estratégia de sobrevivência, ou seja, não existe um sentido de paixão

ou desejo, mas sim uma obrigação a seguir, um caminho, que já foi traçado por circunstâncias familiares e sociais. Seu pai, Diniz, que morreu de forma quase irônica em um assalto, nunca representou um suporte real, e sua mãe, Norma, assume uma postura que reforça a dependência de Baby em relação a um parceiro que possa garantir a estabilidade que a família nunca teve.

Para uma mulher decidida não se conformar, a não aceitar regras, Baby havia sido bastante. A ponto de não se reconhecer mais. Aos dezenove anos, começava a entender a vida como um jogo em que as necessidades individuais eram, de forma inevitável, esmagadas pelo bem coletivo. O namoro com Otávio finalmente engatara, pois era a chave para uma vida financeira mais confortável, não apenas para si, mas também para Norma, depois que o pai havia falecido de repente - não que ele ajudasse muito na estabilidade familiar enquanto vivo. O fim de Diniz fora selado quando, por insistência da mulher, fora resolver algumas coisas no banco, pois ela não podia se humilhar mais uma vez. Um assalto ocorreu enquanto ele esperava para ser atendido. Embora ele certamente não tivesse dinheiro para ser roubado, Diniz teve um infarto fulminante enquanto a gangue, revólveres em punho, esvaziava as caixas. Morreu ali, antes mesmo de solucionar a pendência. Norma até acionou um advogado para abrir um processo para culpar o banco pela morte do marido, mas a estratégia não renderia efeitos imediatos. Uma sentença definitiva levaria anos para ser proferida. Por isso, pelo menos por enquanto, o bem-estar familiar pesava sobre os ombros de Baby. (Scheller, 2021, p.80).

Portanto, aqui se percebe o peso da expectativa sobre a personagem, pois ao se ver responsável pelo bem-estar familiar, ela abre mão de sua autonomia, o que imposição desse papel resultará um padrão estrutural de opressão em sua maioria direcionadas para a figura feminina, que muitas vezes precisa se submeter a relações de conveniência para garantir um mínimo de segurança, isto é, forçadas por vezes a ser submissa e aceitarem caladas as decisões que são tomadas sobre suas vidas, por terceiros. Nesse passagem podemos notar, por exemplo, a diferença com o prover de Inácio, que tem que ser racional, forte e tomar sempre as decisões, diferentemente de Baby.

Em sequência o medo do abandono também permeia a percepção de Baby sobre relacionamentos. Por exemplo, sua reflexão sobre Luiza e Inácio em relação à fragilidade do relacionamento deles. A frase "*o máximo que ele poderia lhe oferecer era a ilusão de felicidade*" sintetiza uma visão cética sobre o amor, sendo que, assim, como Baby, a figura de Luiza também precisa fazer escolhas e, diante da possibilidade de viver apenas migalhas de afeto, decide buscar algo maior, ao mencionar a distinção entre amor e afeto reforçará a dificuldade que ela tem em estabelecer relações genuínas, ou seja, a noção de amor, nesse contexto, aparece como algo idealizado e inalcançável, enquanto o afeto se reduz a pequenas concessões.

Baby concluiu que Luiza teve de fazer uma escolha - e o comportamento conduzia com sua sensatez. Tinha duas opções: aceitar ter Inácio apenas fisicamente, agora que uma visita inesperada tinha escancarado o que ele realmente desejava, ou decidir buscar mais do que sobras. Imaginou Luiza quase desistindo de deixar Inácio seguir em frente, mas ela era tão inteligente o bastante para saber que o máximo que ele poderia lhe oferecer era ilusão de felicidade. A mesma abismo entre o amor e o afeto. (Scheller, 2021, p. 264).

Além disso, ainda teremos a noção de desconexão de Baby com sua própria vida, o que indicará que, mesmo após todas as tentativas de fuga, ela acaba representando exatamente aquilo de que tentou se distanciar, isto é, a vida de fachada e grandiosidade.

[...] A realidade, porém, é que decidira sair de cena porque era mais fácil. Em vez de enfrentar a mãe, fugira. Não tinha conseguido começar uma nova vida, embora tivesse sobrevivido. Fingia-se de defensora dos valores tradicionais, sempre de salto alto e cabelos bem presos em um coque, para vender diamantes. Dizia aos clientes que as mulheres gostavam de acreditar que o homem com o qual se casariam era bem-sucedido. A joia representava mais uma promessa do que a realidade. O anel era um símbolo do que estava por vir. Vivia de vender justamente o pesadelo do qual fugira. Empenhara-se tanto em distanciar-se da mãe, em não deixar Norma decidir seu destino, em não ser tocada pelas odiosas mãos de Otávio, mas não se considerava capaz de decidir qual rumo seguir a partir dali, com todas as responsabilidades à sua frente. Mesmo depois de recuperar Inácio, ainda sentia viver no piloto automático, como uma expectadora passiva da própria existência. (Scheller, 2021, p. 274-275).

Assim, portanto, elementos simbólicos com o diamante representam a estabilidade, o compromisso, e ironicamente o pesadelo que Baby tentou evitar, está sendo vendido por si, para terceiros, sendo, a idealização de um ideal de segurança e felicidade conjugal que nunca experimentou verdadeiramente. Resulta na reflexão que mesmo depois de escapar da influência direta da mãe e de Otávio, ela continua aprisionada pelas expectativas sociais que a moldaram. Ponto importante também é a forma como o trecho finaliza com um sentimento de estagnação, presente na frase *"ainda sente viver no piloto automático como uma expectadora passiva da própria existência"*, traduzindo sua frustração e falta de direcionamento, pois, mesmo após tantas mudanças, ela ainda não encontrou um caminho que fosse verdadeiramente seu.

E, por fim, no trecho abaixo veremos o momento em que Inácio reflete sobre a passagem do tempo e a inevitável mudança que as lembranças de César terão no futuro, há uma dualidade emocional presente nesse cenário, ao que Inácio reconhece que, com o tempo, as memórias que hoje são vívidas se tornarão cada vez mais dispersas, pois com a morte de César, por conta do agravamento do vírus do HIV, muito será esquecido e até mesmo deixado somente na memória, inclusive as emoções intensas e conflitantes de Inácio em relação a César.

Se todos somos histórias interrompidas, relevantes apenas para algumas pessoas, a de César importava para ele. Isso fez Inácio ser tomado por uma certeza: a de que morreria um homem velho, assim como o amigo havia previsto. E ver os filhos e os netos crescerem seria bom e especial, mas também um tanto cansativo e temperado de sofrimento. Tudo o que estava por vir todos os anos que se empilhariam, fariam com que ele pensasse no amigo com cada vez menos frequência. Era inevitável. Talvez se lembrasse dele nos momentos muito relevantes, desses que a gente registra em polaroides. Mas poderia também ter a sorte de César voltar em dias ordinários, sem aviso, como acontece nas melhores visitas de velhos amigos. (Scheller, 2021, p. 317-318).

Por exemplo, ao dizer *"todos somos histórias interrompidas, relevantes apenas para algumas pessoas"* reforçando a transitoriedade das relações humanas e o medo da solidão que pode acompanhar essa percepção. E, na vaga sensação de seu próprio futuro,

ele antecipa uma espécie de trajetória solitária, mesmo que cercado por uma família, porque reconhece que alguns laços, como o que teve com César, nunca poderão ser substituídos, resultando na revelação a total de um medo profundo, sendo, o de perder não apenas as pessoas queridas, mas também a intensidade das emoções associadas a elas. Neste momento também entrará em concordância o trecho abaixo:

O suspiro de resignação coincidiu com uma rajada de vento, que carregou os postais de César e os fragmentos adolescentes escritos por Inácio. Eles flutuavam pela praia, serpenteando em um balé desajeitado. O inevitável futuro de pai de família poderia esperar mais um pouco. Agora, era imperativo que corresse pela praia. Precisava resgatar todas as memórias que fosse capaz de alcançar. (Scheller, 2021, p. 318).

Notamos a presença de uma metáfora voltada para o vento levando os postais e os escritos adolescentes de Inácio, que representa a fragilidade, rapidez da vida e das lembranças, na qual o gesto de correr para resgatar as memórias pode até mesmo simbolizar uma tentativa de lutar contra o esquecimento e, ao mesmo tempo, de preservar sua conexão com César. E finaliza com um dilema interno: ele sabe que a vida continuará e que seu destino como "pai de família" é inevitável, mas há um desejo latente de prolongar aquele momento de lembrança. E, por fim, o movimento de correr pela praia pode ser interpretado como um ato indireto de resistência ao abandono emocional, isto é, uma última tentativa de manter César vivo dentro de si, antes que a realidade o obrigue a seguir em frente.

Com esse recorte final e análises realizadas, podemos notar como as personagens se transformaram ao longo da narrativa. Nos primeiros recortes, elas estão em sua fase mais plena da adolescência, no começo dos anos 1980. Já no o desfecho da obra, porém, já enfrentam as consequências do tempo, período dos anos finais da década. César ascende socialmente em sua carreira e em seus dilemas pessoais, mas, devido às consequências do vírus do HIV, acaba falecendo. Inácio, por sua vez, modifica suas atitudes, encerrando seu relacionamento com Luiza e abrindo-se para novas expectativas amorosas com sua parceira de adolescência Baby. Já Baby, que ao longo da narrativa demonstra a rebeldia típica da adolescência, foge de casa em busca de liberdade, mas termina a história inserida em um ambiente de trabalho mais fixo e tradicional, além de se envolver em um relacionamento "estável" com Inácio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, portanto, nesse trabalho analisar as dinâmicas afetivas do medo da rejeição e do medo do abandono no romance *Gostaria que Você Estivesse Aqui* (2021), investigando suas implicações na construção subjetiva das personagens Baby, Inácio e César. Que a partir das abordagens teóricas de Norbert Elias, se compreendeu que essas emoções não são apenas experiências individuais, mas fenômenos historicamente construídos, regulados por normas sociais que delimitam a expressão do afeto e da intimidade, pois o processo civilizador, como aponta Elias, refina e controla as manifestações emocionais, tornando o medo da rejeição e do abandono elementos estruturantes das relações humanas na modernidade. Assim, no romance, esses

sentimentos aparecem como forças que moldam comportamentos e determinam escolhas, evidenciando que o afeto não é um espaço neutro, mas sim um campo de disputas marcado por contradições e mecanismos de defesa. Baby, em sua busca por autonomia, e Inácio e César, em sua tentativa de afirmar-se diante de si mesmos e dos outros, exemplificam como os indivíduos lidam com essas angústias em uma sociedade que normatiza e hierarquiza as experiências emocionais.

Ao mesmo tempo, a obra dialoga com os conceitos de Eva Illouz sobre o *Capitalismo das Emoções*, demonstrando como as relações afetivas são permeadas por dinâmicas de mercado e estruturas ideológicas que condicionam a forma como os afetos, amor e até o desejo são vivenciados. No qual a busca por validação social, a necessidade de reconhecimento e a dificuldade em estabelecer vínculos genuínos são traços comuns na trajetória das personagens, refletindo um modelo de afeto mediado por relações de poder e consumo. Nesse sentido, a obra de Antonio Candido sobre literatura e sociedade reforça a importância de compreender a literatura não apenas como um espaço de expressão estética, mas como um campo que revela e questiona estruturas sociais. Dado que a obra não foi estudada na crítica acadêmica, este trabalho contribui para preencher essa lacuna, evidenciando a relevância do romance para a reflexão sobre os afetos e as dinâmicas emocionais na contemporaneidade. Ao investigar como o medo da rejeição e do abandono atravessa a subjetividade dos personagens, esta pesquisa amplia as discussões sobre literatura e afetividade no cenário nacional e de um determinado recorte histórico, demonstra que as emoções, longe de serem meros impulsos individuais, constituem elementos centrais na compreensão das relações humanas e de suas representações na ficção.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2014.

COSTA, L. P. A.; MELO, M. S. S. **Crítica-me ou Devoro-te: Sobre a Literatura Brasileira Contemporânea**. Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 7, n. 8, 2011.

COURTINE, J.-J. **História das Emoções**. [S. l.]: Editora Vozes, [s. d.]. v.3. Rio de Janeiro, 2020.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1994.

GADEA, M. da S. C.; LEITE, C. A. C. **A afetividade contemporânea e sua relação com a individualidade e a construção do sujeito na modernidade**. ed. [s. l.], v.1, n. 22, 2016.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola; 1997, p.274 - 281.

ILLOUZ, E. **Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism**. ed. [s. l.], n. 1 :Polity Press, 2007.

KLEIN, C.; GALVÃO, J.; TERTO, V. J.; PARKER R. **Solidariedade: a ABIA na virada do milênio**. A Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids: um histórico, institucional. In: Parker R, Terto V Jr, organizadores. Rio de Janeiro: ABIA; 2001.

PERREIRA DE SOUZA, C. E. **O amor pós-utópico na coleção Amores Expressos: Afetividade e ética na literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

REZENDE, C. B; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Sociedade & Cultura. Ed. FGV de bolso, 2010.

SCHELLER, F. **Gostaria que Você Estivesse Aqui**. Rio de Janeiro, Ed. Harper Collins Brasil, 2021.

VIDAL, A. T. V. **História do Circo Voador: Cultura, Sociedade e Democracia no Brasil Contemporâneo 1982/1996**. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.